

GT72: Retomadas e tessituras no fazer antropológico

Alexandra Alencar, Edilma Nascimento

Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do "outro" e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias êmicas na feitura da teoria antropológica e na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser lócus participativos num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que as/os intelectuais que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de "trabalho de campo" da antropologia brasileira, visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes/as pesquisadores/as, partindo de suas produções, vivências, experiências e grafias em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre esses processos de retomada no fazer antropológico por esses sujeitos, como forma de expansão de suas lutas na produção de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e as/os intelectuais, traçando cruzos (Rufino, 2018) que emergem do reposicionamento desses saberes e fazeres dentro da antropologia brasileira.

Transe dos tambores: etnografia, antropologia e liminaridade na pesquisa de campo

Autoria: Felipe Nunes

O reposicionamento do lugar do antropólogo é um fato irreversível. Aquela imagem construída do antropólogo que sai da cidade e percorre milhares de quilômetros até uma comunidade desconhecida funciona mais como alegoria fundacional do que a representação do atual estado da disciplina, sobretudo das Epistemologias do Sul. Nas últimas décadas, a antropologia passou por profundas transformações, as quais foram capazes de fissurar as estruturas das antigas ordens de representação, principalmente daquelas que arquitetaram cânones, até outrora, intocáveis, tais como a imprescindível "distância" como pré-requisito a objetividade científica no trabalho antropológico. A formação de antropólogos negros, indígenas, feministas, LGBTQIA+, possibilitaram o surgimento de distintas abordagens discursivas e metodológicas capazes de produzir novas camadas as tessituras antropológicas a partir de trabalhos realizados dentro das suas próprias comunidades. O presente artigo pretende promover uma reflexão a partir da minha experiência enquanto antropólogo negro realizando uma pesquisa intragrupo. Durante três anos, desenvolvi uma investigação de campo com a Nação de maracatu que faço parte, a Nação Zambêracatu. Divididos em dois momentos, construí as atividades de campo, primeiramente, enquanto participante da performance, ou seja, batuqueiro. Em outro momento, acompanhei de forma "externa", isto é, sem desempenhar funções no batuque durante a apresentação do grupo. A partir da experiência dessa pesquisa intragrupo, delinhei conjecturas em torno dos limites e possibilidades imbricadas neste tipo de investigação, ademais, suscitarei outros apontamentos importantes envolvendo as discussões seminais em torno do projeto ético construído pela antropologia e a possibilidade de pensar reelaborações epistêmicas a partir desses lugares da produção do conhecimento, e assim, contribuir na construção de uma antropologia polifônica.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

